

Anistiado político: ELIO CABRAL DE SOUZA

Data de nascimento: 13/11/1936

Eu nasci no município de Mineiros, em um local denominado Fazenda Ribeirão Grande. Meus pais eram agricultores e vivíamos em uma economia de subsistência. Éramos praticamente autossuficientes com a nossa atividade na agricultura. Tínhamos plantação de café; era tudo pequeno, somente para a família. Fazíamos açúcar, tínhamos uma plantação de cana e um pequeno engenho. Minha mãe tecia o algodão, fazia cobertas. Tínhamos alguns carneiros e ela fazia cobertas de lã. Dependíamos da cidade simplesmente para comprarmos o sal. Até para a iluminação, tínhamos a mamona, fazíamos o azeite, e com o pavio colocávamos no candeeiro.

Eu trabalhava duro na roça desde pequeno. Éramos 11 irmãos, um time de futebol. Aos 12 anos, estávamos todos lá. Eu tinha um irmão mais velho que eu; pela ordem eu era o segundo; éramos todos analfabetos, não sabíamos nada. O engraçado é que eu sempre tive curiosidade para aprender a ler e escrever, uma coisa que não tinha muita explicação. Meu pai contratou uma professora, e juntaram-se os vizinhos na nossa casa. Eram uns trinta alunos. Aos 12 anos aprendi o ABC. Fiquei um ano na escola e fui para Mineiros.

Meu pai alugou uma casa em Mineiros e fui estudar no Grupo Escolar Pedro Ludovico Teixeira. Terminei o primário e meus pais voltaram para a fazenda, porque as coisas não deram muito certo em Mineiros. Eu fui para Alto Araguaia, no Colégio Interno dos Padres. Quando estava na segunda série, lá no Ginásio Padre Caleb, aconteceu o suicídio de Vargas, em 1954, me lembro direitinho. A época em que Vargas se suicidou, para mim foi um negócio estranho. Fiquei interno por dois anos. Não gostei porque os padres eram muito carrascos. Mas tinham um ensino muito bom, tanto é que vim reforçado, cheguei a Jataí e dava aula para a turma de lá.

Antes que eu terminasse o ginásio, meu pai faleceu. Era muito novo, tinha 46 anos. Meu pai era um absurdo em trabalho braçal duro, pegava coisas dos outros para fazer, fazia cerca de arame, curral, serviço grosseiro. Trabalhava demais e contraiu a doença de Chagas. Quando ele faleceu eu estava terminando o ginásio. Nem cheguei a fazer as provas com a turma, fiz separado. Passei e vim para Goiânia. Em Goiânia, fiz uma admissão no Lyceu, passei em terceiro lugar e lá fiz o científico. Isso aconteceu em 1958.

MILITÂNCIA

Já não tinha mais condições de sobrevivência em Goiânia. Morei um tempo com um pessoal em uma república, com o Tarzan, com João Assis. Tarzan de Castro já estava aqui fazia um ano, já estava mais familiarizado e já fazia política estudantil. Tarzan sempre teve um dom muito forte para liderança, desde Jataí já era líder estudantil, e eu ali, sempre amigo dele. Chegando aqui, me escorei nele e fomos fazer política estudantil.

Havia a FLEG e a UEG. A FLEG era do Aldo Soares e era uma dissidência da UGE – União Goiana dos Estudantes, que era do Zé Martins. Fizemos a união das duas e nasceu a UGES – União Goiana dos Estudantes Secundários. Zé Martins continuou como presidente e o Tarzan como vice. Tarzan acabou passando Zé Martins para trás, não sei explicar bem como isso aconteceu, e ocupou a presidência da União Goiana dos Estudantes Secundários. Vencendo o mandato se candidatou novamente. Eu também me candidatei na chapa dele e fomos eleitos. Eu fui tesoureiro. Eu tenho uma chaga de ser tesoureiro, todo mundo quer que eu seja tesoureiro e é um negócio que eu detesto. Fui tesoureiro durante duas gestões, com Tarzan de Castro.

Tarzan de Castro naquela época era o maior líder estudantil que tínhamos em Goiás. Por quê? Pela participação que tivemos no movimento estudantil. O movimento estudantil de 1958 a 1962 aqui em Goiás foi muito forte, forte mesmo. A prova disso está nos anais e jornais. Era um movimento muito forte, até os carroceiros quando queriam fazer greve iam para a nossa entidade pedir apoio. Aqui ainda não tinha indústrias, não tinha nada, acho que o movimento mais forte era o dos carroceiros. (risos)

Marcávamos muito contra aumento de passagem, não aumentavam a passagem. Mas não era assim simplesmente na ignorância. Colocamos um estudante em cada roleta, e no final do dia, fizemos isso por uma semana, provamos a eles que não precisava ter aumento porque já estavam tendo lucro. Verificamos quanto gastavam com pneus, com gasolina, e tudo somado ainda sobrava muito dinheiro para eles. Dizíamos que não precisava de aumento, e que eles precisavam olhar para o lado mais fraco da sociedade também.

Éramos nacionalistas, não tínhamos nada de comunista. Até tivemos uns lances contra comunistas. Fomos muito simpáticos a Revolução Cubana; ela não era comunista, era nacionalista. Até certo tempo Cuba tinha um bom relacionamento com os Estados Unidos.

Participamos de muitos movimentos estudantis aqui. Teve um episódio, que o Marcantônio até falou dele, de uma manifestação que fizemos na Praça do Bandeirante. Era um comício, não me recordo muito bem do que se tratava. Fomos protestar contra o objetivo do comício e o secretário de Segurança Pública, Tales Reis, trouxe a polícia e mandou que invadissem a praça. Saíram dando tiros e acertaram um tiro de fuzil em um estudante. Era o João Gualberto, que ainda mora em Goiânia. Aquele fato foi uma comoção. Pegamos sua camisa cheia de sangue e passamos pelo comércio. Arrecadamos muito dinheiro, a camisa ficou cheia. O comércio inteiro fechou em solidariedade. As rádios protestaram contra aquele ato absurdo. Foi uma solidariedade da sociedade contra esse ato da polícia. Nós nos categorizamos muito mais em cima desse fato.

Lembro-me que saí num Jeep e, com um autofalante, fomos a todos os colégios conclamando o pessoal para a manifestação no outro dia. Pedíamos para que viessem armados com qualquer tipo de arma que tivessem: arma de fogo, arma branca, pedaços de pau; era para virem armados. Essa era a nossa convocação para a passeata.

Concentramo-nos na Praça do Bandeirante. Tinham mais de dez mil pessoas - naquela época Goiânia tinha cerca de 150.000 habitantes - foi uma das maiores manifestações até então. Subimos a Avenida Goiás, era algo muito bonito (Preciso achar essas fotografias. A ditadura apreendeu meus materiais, então não tenho mais, mas estão nos jornais por aí). O Governador era José Feliciano Ferreira. Ele era de Jataí, da mesma terra em que morávamos, Tarzan também. Ele se antecipou e veio. Quando nós estávamos chegando à Praça Cívica, aquele mar de gente, todo armado, o governador chamou suas lideranças e fez um discurso protestando e desautorizando; dizendo que aquele fato não havia sido por seu mando, que ele nem sabia daquilo. Ele assinou na hora, na nossa presença, a demissão do secretário de Segurança Pública. Falou ainda que nós é que íamos indicar o novo secretário. Indicamos Reinaldo Baiocchi, que foi o secretário de Segurança Pública nesse período.

A partir daí, a UGES passou a ser uma entidade mais forte que qualquer secretaria. Juízes quando prendiam algum cara... Gilberto Marques, por exemplo. Gilberto Marques era um cara rico, morava em um prédio na Avenida Goiás, tinha carrão rabo de peixe e saía por essas periferias caçando meninhas novas. Dava banho de loja, dava dinheiro para a família e ficava com a menina. Era um playboy que corrompia menores. Nós denunciávamos isso, e ele foi preso. O juiz mandou o motorista do Gilberto naquele carrão, pediu para que entrássemos porque queria conversar com a gente. Pediu para que não criássemos caso para que o juiz o libertasse. Dissemos, então, que por nós ele mofaria na cadeia. Dissemos ainda que sabíamos que aquela não era a primeira vez. Ele passou mais um tempo na cadeia; o juiz o liberou. Também, já achávamos que não tínhamos condições de sustentar aquilo porque a família também era comprada e retirou a queixa. Então quem éramos nós para dizermos alguma coisa.

MOVIMENTO ESTUDANTIL / UGES

Éramos da entidade União Goiana dos Estudantes Secundários. Esse episódio (da Praça do Bandeirante) aconteceu no dia 5 de março de 1959. O Batista, o Telmo Faria e outros que agora não me lembro do nome, eram todos estudantes, resolveram fundar um jornal semanal aproveitando esse episódio. O jornal foi batizado de Cinco de Março; cinco de março era algo que estava na moda, pois foi um episódio que contaminou a sociedade goiana. Arrumamos móveis, cadeiras, mesas, máquinas de datilografia para a fundação desse jornal. A sede do jornal ficava na Rua 61 com a Avenida Goiás. Nasceu então o Jornal Cinco de Março, que hoje é o Diário da Manhã.

Além desse movimento, houve outros grandes movimentos como o movimento contra o aumento da passagem de ônibus. Era como falei anteriormente, ficávamos nas roletas. Os proprietários dos ônibus não davam aumento para os cobradores nem para os motoristas porque não aumentavam as passagens, e isso os insuflou a quebrar nossa entidade que funcionava no Lago das Rosas.

Voltando um pouco atrás, nesse episódio do cinco de março, fizemos um projeto escrito por Péricles José de Moura, irmão do Antônio José de Moura, que também era nosso colega, secretário Geral da União Goiana dos Estudantes Secundários, e que falava e escrevia muito bem. Ele participou ativamente da campanha do Mauro Borges e morreu nesse período, em um avião. Péricles e José César Filho, que também escrevia bem, fizeram um projeto de doação de uma boate no Lago das Rosas para a União Goiana dos Estudantes Secundários. Lotamos a Assembleia e conseguimos a aprovação. Nessa época tínhamos um deputado eleito pelos estudantes, que era o Cristovão do Espírito Santo. Ele apresentou o projeto, lotamos a assembleia e o clima na época era totalmente favorável e foi aprovado.

Fomos para o Lago das Rosas, onde funcionava uma boate que era um antro de perdição. Antes disso, já tínhamos invadido essa boate. Pegamos os vinhos, whiskies, ficamos lá e tomamos posse da boate. Quase todo dia aparecia um “nego” boiando no Lago das Rosas, era um antro de malandros. Construimos um restaurante lá.

Contarei outro episódio que também foi grandioso, embora não tenha tido a grande repercussão que esse outro teve; foi um fato inusitado. Foi contra o aumento de passagem. Insuflaram os motoristas e eles invadiram a entidade. Não havia quase ninguém lá. Estava o Antônio Leone, o Roosevelt, se não me engano, enfim tinham algumas pessoas por lá. Eles chegaram, tiraram as alavancas dos ônibus e quebraram as máquinas. Deram pauladas na cabeça do Antônio Leone, que teve ferimentos. Quase que estraçalharam com o nosso escritório. Então, conclamamos novamente todos os estudantes para uma manifestação contra um ato de selvageria, contra os proprietários dos ônibus. Dissemos que iríamos quebrar todos os ônibus, e o Lago das Rosas encheu. Compareceram cerca de seis mil estudantes (A ditadura me mostrou, quando fui preso, dando guarda com um fuzil lá porta). Então, seguimos. Havia um posto onde eles abasteciam, chamado Bode Cheiroso; quebramos tudo. Tentamos colocar fogo, mas como era óleo diesel, não conseguimos que queimasse tudo. Fomos mais para frente, no depósito dos ônibus. Tinham uns dez ônibus que estavam para conserto, porque todos os ônibus prestáveis tinham sido levados para Trindade. Os ônibus que estavam no depósito foram estraçalhados. A garagem veio abaixo, arrasamos o negócio. A polícia chegou - aquilo já estava parecendo vandalismo. O comandante era o Miguelão, que depois foi cassado pela revolução. Ele era um excelente professor da Católica, e era um nacionalista, e nos apoiava. Ele pediu, então, que disfarçássemos; a ordem que ele tinha era de prender os líderes, mas ele não faria aquilo porque éramos idealistas. Ele tinha ordem para prender, mas ia dizer que tínhamos voltado tranquilos. Assim fizemos e o carregamos.

Esse episódio também nos deu uma credencial muito grande, pois a passagem aqui acabou sendo uma das mais baratas do Brasil.

Outra coisa que não aumentava de valor aqui eram os ingressos de cinema. Fazíamos fila boba no cinema para que não entrasse ninguém. Fila boba é o seguinte: Você pega cinco, seis, dez pessoas suas e entram na fila para comprar o ingresso. Chegando a vez, você conversa com o atendente, pergunta sobre o filme, enrola, e depois o próximo faz a mesma coisa, com a mesma conversa; aí as pessoas que estão na fila desistem de entrar, pois são impedidos dessa forma. Aqui tinha o cinema mais barato do Brasil, não aumentava. Não deixávamos aumentar.

Éramos nacionalistas. Eu e o Péricles até fundamos um jornal, que acho que foi um dos primeiros jornais alternativos, o Mogno. A Rio Intex, que era uma firma alemã, fazia a exploração do mogno no norte de Goiás, que hoje é Tocantins. Isso aconteceu em 1961. O Mogno deve ter tido no máximo três números, pois era um negócio dispendioso, meio complicado. Era um jornal impresso. Quem financiou o primeiro número foi o Eliezer Pena, que era secretário não me lembro de que. Era um jornal gratuito, entregue de mão em mão. Entregávamos nas entidades, nas repartições. A tiragem era pequena, pois era uma experiência que estávamos fazendo. Era mais por motivos políticos, para chamarmos a atenção para a exploração de uma riqueza nossa que estava sendo despendida, porque eles não cumpriam o contrato de tirarem uma, plantarem duas.

Havia também muita exploração de minérios mais ou menos clandestinas, ou que não obedeciam as normas. Pegamos uma veia de defesa do patrimônio brasileiro, do subsolo, do solo, das riquezas naturais. Éramos muito atentos a isso.

Com a participação na política estudantil, éramos muito requisitados por todo tipo de entidade que congregavam estudantes, operários, enfim, toda a sociedade organizada ou em tentativa de organização; nós éramos convidados a ajudá-los. As carroças, por exemplo, que chamávamos de expresso beijudo e era o transporte oficial das mariposas, das mulheres de vida livre que, diga-se de passagem, eram muito bonitas, eram praticamente o transporte oficial de Goiânia, carregavam mercadorias de um lado para outro. Os carroceiros tentaram fazer uma greve, foram na entidade, e nós hipotecamos todo o apoio. Fizeram a greve e saíram vitoriosos. Tínhamos muita força.

Tínhamos tanta força que Juscelino para candidatar-se a senador aqui, pediu a nossa autorização. Dissemos a ele que não tínhamos nada a ver com aquilo. Ele disse que não queria apoio e achava que nem iríamos apoiá-lo, mas só queria que nós não nos opuséssemos.

Uma nota que soltávamos era algo fortíssimo, a imprensa publicava na hora. Fizemos muitas notas condenando várias coisas que não me recordo agora.

Essa participação no movimento estudantil chamava a atenção de muitos grupos aqui. Participamos da campanha do Mauro Borges. Com essa presença na mídia, presença de destaque na política goiana do movimento estudantil da época, fomos cortejados por tudo o que era grupo existente que tinha algum interesse futuro: os PCs da vida, Partido Comunista, Partidão.

Trouxemos João Amazonas, e porque fizemos isso? Primeiramente não foi por ele, nem pelo PCdoB, foi movido pelas divergências sino-soviéticas - divergências da Rússia com a União Soviética. Líamos aqueles 20 pontos que os chineses escreveram criticando o Partido Comunista da União Soviética. Discutíamos aquilo e achávamos que estavam corretos. O PC do B distribuía esse material e achamos muito interessante, pois o PC do B era aliado da China e defendia a luta armada. Nós éramos pela luta armada. Nesse momento já éramos pela luta armada. Isso já nos atraía.

Antes disso, participamos do Movimento Tiradentes, movimento pela reforma agrária liderado pelo Francisco Julião que era apoiado por Cuba. O Movimento tentou a guerrilha no país. Teve sete dispositivos armados. Eu mesmo fui para um na Bahia e comandi trinta homens por lá, no mato. Isso merecia um romance, pois é a coisa mais hilariante que já vi. E nós mesmos, eu, Tarzan, e mais alguns fomos à embaixada de Cuba e denunciámos. Os caras eram orientados a ficarem nos melhores hotéis das capitais, tudo por conta deles. Eu quase não usufruí de nada disso, pois fui para o mato. Fui fazer guerrilha no sul da Bahia, em Itanhém. Fiquei um ano por lá e a coisa abortou. Era um negócio tão absurdo que nem vou me alongar nisso. Isso aconteceu mais ou menos em 1961.

REFORMA AGRÁRIA NA LEI OU NA MARRA

Foi em Minas. Aconteceu um congresso de camponeses em Belo Horizonte. De lá a cúpula da política do Julião saiu e foi para Tiradentes. Era o Movimento Tiradentes para fazer reforma agrária na lei ou na marra. Era o lema “Reforma agrária na lei ou na marra”. Tínhamos sete dispositivos armados. Eram sete, mas dois nem vingaram, só começou e já acabou. Tinha um aqui em Goiás, em Dianópolis; outro em Serranópolis, no Mato Grosso; outro na Bahia, onde eu estive e comandava 30 homens com armas e tudo. Plantamos uma roça, pois não tínhamos nada para fazer. Tínhamos dinheiro para danar, para comer bem, mas não tínhamos nada para fazer. Até que a polícia foi e aí vi os guerrilheiros que eu tinha. Chegou a polícia, eu estava com pouca gente. O restante já estava se transferindo para um lugar mais apropriado, que era mato, pois estávamos em um lugar que tinha um povoado, tinha gente. Eu estava organizando para sairmos de lá.

Chegaram três policiais, e os caras quando viram a polícia sumiram. Lá eu era professor, era médico - fiz operações, curei muita gente. Meu nome era famoso lá. Plantamos uma roça com verduras à vontade. Tentamos vender na cidade, mas ninguém comia verdura. Mudamos de lá e fomos para o meio do mato mesmo. Compramos uma mata que tinha muito jacarandá. Ficamos lá por um tempo, até que surgiram denúncias. O negócio foi se esvaziando, a polícia chegando e eu saí de lá. Dispersamo-nos. Ainda existe essa propriedade. Ouvi falar que um desses caras que participaram, falsificou assinaturas e vendeu a fazenda. Essa propriedade ficava no sul da Bahia, ao norte de Minas, próxima a Jacinto. Jacinto é a cidade fronteira com São João do Sul, onde ficava nosso dispositivo armado.

Em pleno governo, em plena democracia, queríamos tomar o poder. Éramos entusiastas. Não tínhamos nada a ver com comunistas, éramos nacionalistas e queríamos fazer a revolução, fazer a reforma agrária. Nessa época existia uma discussão muito interessante pelas reformas de base: reforma agrária, reforma urbana, reforma bancária, reforma educacional. As nossas principais eram a reforma agrária e a reforma educacional - contra o acordo MEC-Usaid, e toda interferência dos Estados Unidos na educação no Brasil.

Participamos do movimento pelo direito de sargentos e praças se candidatarem. Em setembro de 1963, fomos a Brasília. Os sargentos tinham uma organização para tomar o poder. Estavam organizados no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro, em Brasília e em Pernambuco. Na época, eram os sargentos quem comandavam os quartéis. Os armamentos estavam nas mãos deles. Participamos desse movimento como braço civil. Eu morria de medo da Operação Bandeirante me perguntar sobre isso, porque dei guarda no comando da Marinha, prendemos os militares da base aérea, da base naval.

O MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO PAULO FREIRE

Na verdade, quando conheci e trabalhei com Paulo Freire, eu já estava bem politizado. Conhecia o que era esquerda, o que era direita. Nessa época eu já estava no PC do B. Eu e Sebastião Tavares de Moraes fomos contratados para trabalhar na Fundação Brasil Central com o Paulo Freire. Fomos e fizemos um curso com o Paulo. Conhecíamos Paulo Freire dos jornais, pela revolução que ele estava fazendo na educação, pelo seu método de alfabetização de adultos. No Brasil, a porcentagem de adultos analfabetos era muito grande. Então, Paulo Freire, pegando essas estatísticas, elaborou um método barato e diferente para educar, para ensinar pelo menos a ler, escrever e fazer contas; enfim, para alfabetizar o analfabeto.

O analfabeto não tinha direito a voto; não votava e não podia ser votado. Havia uma discriminação muito grande, e Paulo Freire, sensível a isso, bolou um método que tinha o seguinte slogan: A alfabetização pela conscientização. Dentro de um mês as pessoas aprendiam a ler e a escrever com apenas uma hora de disponibilidade diária, porque trabalhavam.

A princípio, o método de Paulo Freire foi criado para a zona urbana, voltado para a alfabetização dos operários e os analfabetos que tinham na cidade. Os motivos que usavam eram coisas que encontravam na cidade. Paulo fazia uma pesquisa do universo vocabular do grupo que seria alfabetizado. O que era essa pesquisa do universo vocabular? As coisas sobre as quais eles conversavam: os sentimentos, a vida deles. Tanto é que o primeiro projeto começava com um tijolo, que é um elemento da construção civil. Usavam slides.

A filosofia era a alfabetização pela conscientização. A pessoa era o sujeito e não o objeto da história, como vinha acontecendo. Era despertar no indivíduo a consciência do papel importantíssimo que ele tinha na sociedade.

Como o método Paulo Freire inicialmente era voltado para a zona urbana, ele queria recrutar pessoas que tinham entendimento de campo para ajudá-lo a fazer uma adaptação do método dele da cidade para o campo, fomos escolhido. Eu tinha uma experiência muito grande de vida camponesa: eu era um estudioso do campo, eu sabia, tinha na cabeça toda a realidade, todos os livros sobre reforma agrária, minha origem estava no campo, onde vivi por muitos anos. Eu que tinha um entendimento do problema camponês, gostei muito da experiência. Fizemos um levantamento, montamos um núcleo, formamos cerca de oitenta orientadores para trabalhar no campo, nas comunidades, ligas e associações camponesas. Naquela época ainda não existiam os sindicatos, estavam começando a se sindicalizarem.

Era um projeto grandioso para acabar com o analfabetismo no Brasil. Era rápido e barato, quase de graça. Porém, foi abortado. Quando voltávamos para o campo e começávamos a experiência, veio o obscurantismo com o golpe militar.

O GOLPE

Antes do golpe, o Brasil vivia uma fase, um momento político superinteressante. Uma efervescência de discussões culturais, políticas para dar um novo rumo ao país. Reformas, que já mencionei anteriormente, reforma agrária, reforma da educação, reforma urbana. Era um momento riquíssimo na vida do país. Foi onde surgiu o CPC da UNE. A UNE teve um destaque muito grande no Brasil inteiro nessa época, e Aldo Arantes, um goiano, era seu presidente. Sua época coincidiu com esse grande despertar político da juventude. E não era só a juventude, nesse momento surgem muitas pessoas que hoje são ilustres como Ferreira Goulart e Izébio, no Rio de Janeiro. Na área cultural, o Centro Popular, muitos cantores, de protestos inclusive, propostas interessantes com participação muito grande na vida cultural do país. Na vida política então, nem se fala.

Nessa época em Goiânia, participávamos da vida política; da vida cultural era mais difícil. Era o tempo em que Record realizava os festivais de Música Popular Brasileira. .

Quando veio o golpe, eu estava em Brasília. Invadiram a minha casa em Goiânia, casa da minha tia; minha mãe não morava aqui, morava em Mineiros. Cercaram a casa da minha tia, que era o endereço que eu tinha, cercaram, invadiram, maltrataram as pessoas. Tiraram todas as minhas coisas: livros, roupas, tudo. Saquearam. Eu morava na Rua 9, no Centro.

Fui convidado a fazer depoimento, fui arrolado no IMP. Consultei o pessoal, que disse que era melhor não ir porque eu tinha um passado muito forte em Goiás e era bem possível que ficasse, não iria sair facilmente e poderia ser maltratado. A turma do partido recomendava que não comparecêssemos atendendo o chamado do IPM – Inquérito Policial Militar. Não fui porque a amostra que eles deram já era suficiente para que não fosse. Invadiram, pegaram as coisas, maltrataram e empurraram minha tia. Pegaram as fotografias, inclusive a que eu estava

dando guarda na UGE com um fuzil, a da passeata dos 10.000 com todos armados, levaram todas.

Tentamos reagir ao golpe esperando que o Brizola pudesse levantar como ele havia feito em 1961. Ele tentou abortar o golpe, como fez em 61, e nós participamos aqui com Mauro Borges. Fomos fazer treinamento na Polícia Militar, aprendemos a montar e desmontar armas, metralhadoras, fuzil. Mas ficou apenas nisso, o golpe foi abortado, a rede da legalidade acabou prevalecendo. O Terceiro Exército reagiu contra o golpe. Os militares tem essa ética: se um comando forte não apoia e testa o movimento, eles dão um jeito de contornar. Eles nunca brigaram entre si.

Em 1964, não houve isso. Houve uma tentativa, mas o compadre do Jango, o cara de São Paulo, Amaury Kruehl, ficou naquela história até aderir completamente. O Rio Grande do Sul também não teve condições; era o Bevilacqua, se não me engano. Brizola foi até lá tentar, mas não conseguiu e o golpe triunfou. Em Brasília o comandante era o general Fico, que dava declarações de que eles não iriam tomar o poder.

Estávamos reunidos no Teatro Municipal de Brasília, com o general Fico, e as notícias que o negócio estava sendo tomado e que eles estavam deslocando tropas para Brasília foram chegando. A única ação de tentativa feita foi o Grupo dos Onze, que eu, no começo, participei. Sebastião Abreu também participou ativamente, mas nada foi para frente. A força prevaleceu, eles estavam determinados. Acabaram com as resistências. A União Goiana dos Estudantes Secundários foi invadida. A UNE também foi invadida, depredada, queimada, destruída e o golpe se consolidou.

A CLANDESTINIDADE

Nessa época, como eu estava em Brasília, eu já tinha tirado um passaporte, mas fui para o campo a mando do PC do B, que era uma estratégia que se dá depois na Guerrilha do Araguaia. A estratégia era fazer movimento de apoio, de conscientização e de organização dos camponeses ao longo da Belém-Brasília. Eles ainda não tinham controle da saída do país. Ainda não tinham o controle de quem podia e quem não podia sair. O negócio foi apertando e fui para o mato. Fui mais cinco companheiros, depois chegaram mais. Levamos umas armas, um negócio maluco.

Era município de Peixes, norte de Goiás, próximo a Gurupi. Lá já tinha tido uma história de resistência de camponeses; então, fui procurar os caras, fiz reuniões. Eram camponeses tradicionais, os Dantas.

Apoiei-me em um ranchinho que havia lá. Não me lembro de quem era aquilo, se estávamos lá invadindo ou não. Ficamos no mato fazendo visitas, procurando essas pessoas. Tinha o Geraldão, que era um cara até meio folclórico na região, de tradição de luta. Era um negócio

difícil, mas era o que estávamos fazendo. Primeiro procuramos discutir com essas pessoas. Procurávamos motivá-las para uma organização que pudesse vir a apoiar um movimento futuro, que era a quinta tarefa. A quinta tarefa no PC do B era conhecida como a luta armada. Fiquei por lá menos de um ano. Éramos meio estranhos por lá, mas estávamos em um lugar despovoado, tinha poucos habitantes. Lá apoiamos uns caras conhecidos. Tinha o Francisco, que já havia participado do movimento e me ajudou muito. Éramos cinco pessoas. Era para o Partido mandar mais pessoas, mas os planos foram mudando.

Contraí uma malária e quase morri. Eu me dava como morto, pensava que dali não fosse sair.

O TREINAMENTO NA CHINA

Já em 1965, fui para a China. Acharam importante me mandar para a China para que fizesse um curso de capacitação política e teoria militar, já prevendo a Guerrilha do Araguaia. Fui eu e mais dez pessoas. Entramos pelo Paquistão, tranquilos, sem problemas. Tínhamos um intérprete e ficávamos isolados em uma Casa do Exterior, que recebia pessoas do mundo inteiro. Era tudo compartimentado, nenhuma delegação entrava em contato com a outra. Estávamos clandestinos na China. A China era o “capeta” naquela época. Então, se fôssemos vistos, estávamos lascados.

Fizemos o curso de capacitação política e conhecimentos militares. Todos achavam que esse curso de conhecimento militar era para treinamento de guerrilha, mas não era nada disso. Falavam que não precisávamos de armas, que pegariamos as armas do inimigo; que lutaríamos com as mesmas armas deles e que tínhamos que nos capacitar em tomar as armas, e usar os recursos que o povo, que a sociedade tinha. Podíamos ter as armas das mais modernas em nossas mãos, mas se não tivéssemos a consciência, se não tivéssemos uma linha de massas, se não tivéssemos o apoio da sociedade, dos operários, dos camponeses, não adiantava ter armas. Diziam ainda que arma por arma eles tinham muito mais que nós. Isso era exemplificado inclusive com os dados da Revolução Chinesa, com os exemplos que eles tiveram.

Foi bonito. Na Revolução Chinesa foram conquistando províncias, conquistando povoados, foram administrando. Eles faziam reformas no que havia sido conquistado. Reforma agrária, que era a principal, reformas de distribuição de renda. Eles não chegavam simplesmente e faziam. Eles organizavam o povo para que fizessem. Eles pensavam da seguinte maneira: se eles pegassem e fizessem, o povo não daria valor. Então, o próprio povo é que tinha que participar e fazer. Era muito bonito, e com isso eles foram tomando o campo e cercando a cidade. A batalha principal se deu no final, quando Chiang Kai-Shek teve que fugir.

Para mim, essa experiência foi muito rica. Passei a conhecer o Brasil de forma diferente do que eu conhecia. Conheci muito mais o Brasil lá na China do que em nossa participação aqui. Eles nos conheciam melhor do que nós.

Terminamos o curso e voltamos. A única entrada e saída era pelo Paquistão. A ideia era Paquistão, França, ou Suíça, e daí para o Brasil. Ninguém saberia que tínhamos ido à China porque não tinha carimbo, não tinha nada. A escala que fazíamos no Paquistão, vindo da China, era escala técnica como fizemos na ida. Só descemos para almoçar e para que abastecessem o avião. Na volta seria a mesma coisa; mas no ar, antes de chegarmos, recolheram nosso passaporte. Eles não tinham que ter feito isso, pois não permaneceríamos lá. Era só uma escala técnica, não sairíamos do aeroporto. Pegaram nossos passaportes. Conversamos com o chinês que estava nos guiando e ele nos orientou que entregássemos, pois não teríamos o que fazer. Entregamos, e eles filmaram o passaporte e mandaram aqui para o Brasil.

A CIA já tinha forte influência no Paquistão. Era uma luta ter influência dos Estados Unidos e da China no Paquistão, mas eles conquistaram uma brecha. Tanto é que fizeram esse tipo de coisa que não tinham que fazer.

Fomos para a França, e já estavam fazendo estripulias aqui no Brasil. A CIA e o Governo Brasileiro já sabiam quem tido ido à China. No Paquistão carimbaram nosso passaporte, e mesmo se não tivessem carimbado, haviam fotografado. Fotografaram-nos também e mandaram para cá, para o Governo Brasileiro. Nessa época o controle dos Estados Unidos, do imperialismo, seja dos Estados Unidos ou de outros países aliados liderados por eles, foi muito grande no mundo. Era a Guerra Fria que estava se esquentando na verdade.

Fomos para a França e ficamos lá por um tempo. Tínhamos ido a todos os países da América Latina pedir visto: Argentina, Uruguai, Bolívia, Colômbia; primeiramente nesses de fronteira. Depois nos outros: Equador, Panamá, e ninguém dava o visto. Fomos à Guiana Francesa, que faz fronteira com o Brasil, e também não conseguimos. Fomos ao chamado Porto Livre, na Guiana Inglesa. Deram o visto e ainda questionaram o porquê dos outros não darem. Disseram que se estávamos querendo conhecer o país deles, porque não dariam? Deram o visto e compramos as passagens.

Na Guiana Inglesa, compramos as passagens e fomos para a Guiana Francesa. Lá alugamos um teco-teco, um aviãozinho, e descemos em uma cidade que faz fronteira com o Rio Santo Antônio. Eles tinham um controle na fronteira, tinham um posto. Nosso passaporte estava carimbado de Orly, na França, e quando descemos o cara pediu os documentos, o passaporte. Mostramos o passaporte, e ele perguntou por que Orly? Dissemos que estivemos na França, passeando por lá. Arranhávamos um pouco de francês, e explicamos. Atravessamos em um barquinho para o lado de cá. No lado de cá, tinha o avião da Cruzeiro do Sul que passava de 7 em 7 dias, ou 5 em 5 dias, e que fazia a rota da Guiana Francesa, passava nesse Santo Antônio e ia para Belém e Macapá. Compramos as passagens e esperamos uns quatro ou cinco dias até o avião passar. Viajamos. Fui para Belém, Tarzan para o Macapá, outro para não sei onde.

Em Belém, como já estava no Brasil, rasguei o passaporte. Joguei fora, pois não podiam me pegar com aquele passaporte informando que fui à China, entre outros lugares. Fui para o Rio de Janeiro sem problemas. Eles ainda não tinham um controle maior.

Nós éramos visados. O Tarzan era muito conhecido. Todos já estavam visados - os guerrilheiros que tinham ido fazer o curso na China. Mas aqui ainda não tinha essa perseguição, como depois do AI5. Depois do AI5 o negócio mudou. Mas nós que já éramos visadíssimos, a clandestinidade era severa, cuidávamos bem disso.

Chegando da China, nos apresentamos para partido. Demos informes do curso, da nossa viagem. Entregamos uns dólares que haviam sobrado. Na China nos deram um dinheiro. Como aconteceu esse contratempo em que tivemos que ficar por mais tempo na França do que estava previsto, conseqüentemente, gastamos muito mais. Eu fui à Embaixada Chinesa na França, contei a história, disse que estávamos sem dinheiro e que queríamos ajuda. Eles deram dinheiro, que sobrou inclusive, e devolvemos para o partido quando fizemos a prestação de contas.

Fui para São Paulo, me apresentei para o partido, que me mandou para o Mato Grosso do Sul. Fui parar na primeira experiência de colonização agrícola, uma espécie de reforma agrária que Getulio Vargas fez. Na cidade de Dourados, que hoje é uma cidade próspera, grande, foi onde começou essa reforma. Fui trabalhar. Lá houve um forte movimento, o Partidão tinha uma grande influência lá. Havia muitos simpatizantes dos partidos políticos, do PCzão. O PCdoB tinha contato com eles e trabalhamos bastante juntos. É uma historia muito interessante.

6ª CONFERÊNCIA DO PCdoB

Fomos convocados para a 6ª Conferência do Partido Comunista do Brasil, onde surgiu aquele documento: União dos democratas contra a ameaça neo colonialista no país. Participei dessa conferência e já tinha fortes divergências. O pessoal que veio da China tinha outra visão. Tanto é que eles podaram muitas pessoas para a essa conferência. O Gerson, por exemplo, que é um cara muito conversador, que tinha momentos brilhantes, bom de teoria, um cara diferente - às vezes era bobo, não sabia nada, mas tinha momentos brilhantes - eles podaram. Ele tinha ponto com os caras do Comitê Central e os caras não compareceram. Por sorte tivemos com o Gerson. Eles falaram que tinha ponto em tal lugar e o cara não foi. Nós chegamos à conferência e falamos para o cara que eles tinham deixado o Gerson, e eles disseram que passaram e não tinha ninguém; que foram lá e não o acharam. Era conversa fiada. Deixaram ele lá para ser preso. Por sorte, não foi. Boicotaram mesmo, porque ele já tinha colocado a língua para fora. Abriu divergências claras, bem nítidas. Ele chegou capacitado da China. Ele teve uma participação importante na China, mesmo tendo suas oscilações. Tinha momentos brilhantes, mas acontecia também de fazer cada intervenção... Mas foi boicotado.

O pessoal com quem tínhamos contato, o pessoal que foi à China, e outros que preparamos depois que voltamos de lá, foram boicotados na 6ª Conferência. Grande parte não pôde ir, não todos. Não sei o critério usado para chamar o pessoal, mas o dedo político é certo que tinha.

Lá tentamos, fizemos críticas, mas o clima era mais favorável a eles. Nós estávamos em número inferior. Fizemos críticas, mas acabamos aprovando com ressalvas os documentos da 6ª Conferência: União dos democratas contra a ameaça neo colonialista.

Chegamos com uma capacidade política de argumentação muito forte. Conheci o Brasil lá na China. Eles sabiam muito bem do Brasil, das influências dos países aqui, dos interesses econômicos bem em detalhes. Eles sabiam dos movimentos sociais, pediram muita informação sobre a AP. Naquela época a China precisava de apoio além do PC do B, que era o canal deles. Eles pediam informação de todo o movimento social, e eles conheciam mais do que nós. Dávamos as informações que tínhamos, mas eles conheciam mais.

Eles têm estudiosos no mundo inteiro. A China está isolada daquilo, então eles têm chineses espalhados pelo mundo inteiro. Eles têm pessoas em postos chaves de tecnologia, por exemplo. O cara que inventou a bomba atômica foi aos Estados Unidos e era o aluno mais brilhante em física. Tentou por duas vezes sair com a fórmula em ideograma chinês, mas foi pego. Mais tarde acabou sendo liberado, depois que já havia explodido a bomba atômica chinesa.

Sáimos, fomos mandados de volta ao Mato Grosso do Sul, mas já não fui para a colônia agrícola de Dourados. Percebi que estava limitado para fazer trabalho político. O Diniz, que também foi à China, estava em São Paulo; fazia um trabalho importante por lá e tinha o controle do partido em suas mãos. Ele e sua turma. Acabamos fazendo um QG em São Paulo. Eu vinha do Mato Grosso do Sul, mas estava mais em São Paulo. Fomos juntando, sabendo das perseguições do Comitê Central contra companheiros nossos e, por isso, nos organizamos como Ala Vermelha do PC do B. Em São Paulo, praticamente todos do partido ficaram na Ala Vermelha; no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro, o partido ficou quase a zero.

Partimos e fizemos um documento: Crítica à união dos patriotas para defender o país. Fizemos um documento de crítica. Foi um documento muito bem escrito, mas bem chinês. A realidade é que tínhamos aprendido muita coisa. O documento é bom, até hoje ele é bom. Com ele organizamos Ala Vermelha no Brasil inteiro.

OPERAÇÃO CONDOR

Lembro-me bem do Governo Abreu Sodré, de 1967 a 1970, em São Paulo. Todos os hotéis eram obrigados a, quando o hóspede fosse se hospedar, fazer uma ficha e mandar para o DOPS. Na época do Abreu Sodré organizaram a chamada Operação Bandeirantes. Lembro-me do Abreu Sodré falar isso na televisão. Operação Bandeirantes, que mais tarde veio resultar no DOI-CODI. Eles institucionalizaram a Operação Bandeirantes, que era clandestina; não era legal, mesmo na ditadura.

Já era um terrorismo. Era difícil para os que estavam sendo perseguidos alugar um quarto, ou uma casa. Tínhamos que alugar em nome de pessoas que estavam totalmente legais e pudessem apresentar uma ficha limpa. Para se hospedar em qualquer hotel, tínhamos que ter muita cautela, pois as fichas eram encaminhadas para essa Operação Bandeirantes, para o SNI ou para o DOPS, não sei para onde eram encaminhadas diretamente. Lembro-me da polícia de São Paulo fazendo essa divulgação, dizendo que era obrigatório, pois havia muitas pessoas tentando acabar com a democracia; muitos elementos terroristas; então, precisavam de um pente fino para essa questão.

A Operação Bandeirantes teve seus financiadores a Ultragas; Boilesen, que era de uma companhia de gás, era financiador da OBAN. A comida era ele quem pagava, além do dinheiro que dava.

Estive agora em Brasília, na 12ª Conferência Latino Americana dos Direitos Humanos. Um promotor de Justiça Federal está fazendo um levantamento; levantou o problema de que não eram só os militares, o golpe militar aparecia com mais evidência, mas era através do financiamento de empresários. Ele citou o Boilesen, que foi injustiçado e morto porque era escrachado e fizeram uma emboscada para ele. O pessoal da FIESP também financiava. Esse pessoal da FIESP “arrotando” sobre democracia, criticando o Lula. Os caras também eram financiadores das torturas, dos torturadores. Muita gente boa que não sabemos ainda, mas isso está sendo levantado e acho que deve ser apurado e cobrado. Esse estudo que o promotor de São Paulo está fazendo é superinteressante. Ele disse que ainda tinha reservas, muitas coisas que ele tinha já pegado uma trilha, mas que ainda não poderia dizer porque ainda tinha que provar tudo. Ter prova cabal da participação desses grupos.

Outra coisa que achei interessante foi a Operação Condor. Foi impressionante o controle que o SNI com a CIA tiveram na América Latina e no mundo inteiro. Sobretudo na América Latina com os golpes. Teve golpe aqui no Brasil, no Chile, no Uruguai, na Argentina, e na Bolívia. Houve um cerco total em implantação de governos títeres da política dos Estados Unidos.

O Uruguai, que era um país considerado a Suíça brasileira, era superdemocrata, recebeu o golpe. Colocaram militares. Foi Uruguai, Argentina, Chile - com a morte e o golpe que deram no Allende - a Bolívia, que também sempre teve golpes militares.

Essa Operação Condor, que era organizada pela CIA e tinha como um de seus líderes o Pinochet, com o DINA que é o SNI do Chile, tinha o controle de movimentação de pessoas por todo o continente. Houve muitos assassinatos a mando dessa operação. Muitas pessoas desapareceram. Desconfiam, e até falam, que o Jânio foi morto por atentado, e que não teria sido natural a causa de sua morte. Teria sido atentado dessa Operação Condor e de toda essa organização. Quem levantou esse fato com detalhes de nomes, com publicações em jornais, foi um paraguaio. É muito interessante esse levantamento que ele fez sobre a Operação Condor. Existem muitas pessoas no Brasil e na América Latina que participavam.

A ALA VERMELHA

No AI5 eu estava em São Paulo, que era nosso QG. Já existia uma dissidência nossa com o PCdoB. Éramos uma ala chamada Ala Vermelha, por influência da revolução cultural chinesa. Chamávamos o outro grupo de ala branca. Havia uma forte influência chinesa, e o que tínhamos aprendido lá não tinha quase nada a ver com o que nós e o partido fazíamos aqui. Ficamos descrentes com a situação e organizamos uma ala. Os criticávamos por que só falavam em luta armada e não tomavam nenhuma providência. Na verdade acho que até estavam tomando com a Guerrilha do Araguaia. Nós falávamos que faríamos a luta armada, mas acabamos não saindo da cidade. Falamos, mas também não fizemos porque não éramos foquistas, embora nosso documento de crítica tivesse muita coisa de foco.

Não acreditávamos que era possível acontecer como aconteceu em Cuba, em Serra Maestra. Tínhamos que fazer algo mais sofisticado, pois nossa realidade era bastante diferente do que foi em Cuba. A análise que se fazia do país era que o Brasil era eminentemente agrário. Até o Marighella fez uma graça dizendo que aqui os mamões eram barras de ferro, e que a luta no Brasil, o campo até poderia ajudar, mas o fundamental seria a cidade - essa era a crítica dele. Dizia também que para se fazer revolução não precisava pedir licença a ninguém, cada um poderia participar da maneira que quisesse. Teve esse movimento da Aliança Libertadora Nacional que se fortaleceu bastante porque dava liberdade para fazerem o que bem quisessem, desde que fosse para fazer a revolução.

A Ala Vermelha conversou com Marighella. Tínhamos contato com todos, mas tínhamos também nossas reservas. Tínhamos uma política de segurança muito apurada. Sabíamos das dificuldades, das infiltrações que aconteciam, éramos bem conscientes, mas acabamos também sendo vítimas disso.

Tínhamos um forte movimento estudantil em São Paulo, e com o AI 5 os líderes do movimento estudantil e os do já incipiente movimento operário foram perseguidos. No depoimento para o livro falo em quinze pessoas que foram para a clandestinidade, mas na verdade eram mais. Mas de qualquer forma as lideranças, tanto estudantis como operárias e os funcionários públicos, que também eram muitos dentro da nossa organização, foram caindo na clandestinidade. Tiveram que abandonar os empregos onde estavam para conseguir outros empregos em fábricas ou escritório de pessoas que eram simpatizantes. Mas a maioria ficou desempregada e sem condições de subsistência.

Partimos, então, para aquilo falei. As finanças eram contribuições de simpatizantes, daqueles que estavam na produção; da venda de material que produzíamos; finança tradicional. Tínhamos aliados que também colaboravam, mas isso já não dava mais. Tínhamos a necessidade de acudir esse pessoal, senão iam sendo presos. Eram muitas pessoas na clandestinidade. Então, fizemos uma reunião com a nossa direção e foi aventado que teríamos que fazer umas requisições. Nós fomos os primeiros a fazer expropriação no Brasil nesse período. Não sei se anteriormente tinham feito ou não. Não conheço na história.

Acuados pela ilegalidade, e com a prisão de alguns, tínhamos a necessidade de dar guarita para esse pessoal, alugar casas, dar dinheiro para a sobrevivência. Reunimos com a direção do partido, com as pessoas mais seguras e tomamos a decisão de usar um método não tradicional de finanças. Iríamos expropriar o capital monopolista imperialista que sempre sugou o Brasil. Era dinheiro que deviam para nós. Combinamos que iríamos usar esse método de expropriação do capital monopolista imperialista no Brasil. Como achavam que eu havia me destacado e feito um bom curso militar na China, que eu era um exímio atirador, principalmente à noite - eu havia aproveitado bem o curso militar, as estratégias - escolhi quatro pessoas, comigo cinco, um pequeno grupo para fazermos levantamentos. Não usaríamos essa expropriação como luta política, decidimos que não faríamos a divulgação disso. Iríamos expropriar, mas não divulgaríamos nem usaríamos isso politicamente. Essa ação era para cobrir uma necessidade específica momentânea, não salvaria ninguém. Não garantiria a revolução, mas era uma contingência de momento. O que iríamos fazer? Iríamos pegar o inimigo desprevenido, em movimento.

Tínhamos uma informação, de pessoa nossa que trabalhava no setor bancário, que havia um banco que recolhia dinheiro das fábricas e do comércio (naquela época o transporte de dinheiro era mais frágil). Ao invés da pessoa ir depositar, eles recolhiam, davam o recibo e levavam o depósito para a sede do banco. Os seguimos por umas três vezes, era sempre o mesmo trajeto. Atravessavam uma linha férrea, e concluí que a abordagem seria ali - um lugar mais afastado que ficava em Mauá. Vestiríamos-nos de ferroviários, uma pessoa ficaria com uma bandeirinha vermelha sinalizando a parada do trânsito, chegaríamos no motorista e o desarmaria. Meteríamos a arma, tomaríamos a chave do carro e pegaríamos os malotes que estavam dentro. Os pegaríamos de surpresa.

Fizemos o treinamento direitinho e bolamos um plano de fuga. Expropriamos um carro, o pintamos como um carro oficial, fizemos a placa, para termos liberdade para transitarmos, e demos esse golpe. Antes disso, fizemos o treinamento no mato, designamos a tarefa de cada um, treinamos bem. Comentamos que era como tomar pirulito de menino. Tínhamos que estar em alerta e não nos apavorarmos. Fizemos o treinamento e fomos. Sabíamos a hora que ele passava nesse local. Fiquei afastado dando o comando para os outros. Quando o carro estivesse vindo, eu daria o sinal para que eles cercassem e parassem o movimento. Era pouco trânsito ali. O cara veio, parou, e ainda ficou olhando para trás conversando com os outros que estavam dentro do carro, sem a menor malícia. Nosso cara chegou, disse que não era nada contra eles e que só queríamos o dinheiro que estava lá dentro. Tomamos a chave, eles entregaram o malote. Nosso carro expropriado também estava ali, colocamos os malotes dentro, e mais na frente tínhamos um carro legal. Tínhamos feito exaustivamente o trajeto de como chegar com segurança na Avenida Brasil. Eu conhecia São Paulo como a palma da minha mão, rapidinho estaríamos lá em segurança. Essa a foi a primeira requisição do capital monopolista imperialista no Brasil.

O fato saiu na Folha de São Paulo como “cenas hollywoodianas”. A Folha de São Paulo ainda era um jornal pequeno na época. Deve ter saído em outros jornais também, mas me lembro bem desse “cena hollywoodiana”. Esse foi o primeiro, mas na verdade esperávamos que

tivesse um numerário maior. O numerário era pequeno, cerca de 23 mil, o que deu um alívio, mas tínhamos que conseguir outra coisa melhor.

Fizemos mais um, agora em um banco mesmo. Um banco francês, que também tinha pouco dinheiro. Esses fatos aconteceram em 1969, em decorrência do AI5, que colocou todo mundo na clandestinidade. Assaltamos mais um banco, que também rendeu pouca coisa, 30 mil. Decidimos então fazermos um grande para pararmos com isso. Resolvemos assaltar o pagamento de uma montadora, que se não me engano era a Ford. Lá sim, tinha o banco que fazia o pagamento dos funcionários. Seria essa uma grande operação. Uma fábrica enorme, um banco em frente à fábrica.

Tivemos a informação que os caras no dia do pagamento levavam o dinheiro há tantas horas. Sabíamos tudo, havia operários que nos informavam. Fizemos, e esse precisou de muita gente, era um negócio grande. Fizemos todo o levantamento, treinamento de como seria, passamos lá, demos uma olhada e fizemos o levantamento da situação lá. Na hora marcada, estaríamos lá. Ficaram esparramadas pessoas por diversos outros lugares. Levamos cabeças de prego e pregos para na saída jogar na estrada e os caras não terem condições de nos seguir. Tínhamos uns três carros, também expropriados, e para pegar esses carros foi outra ação que fizemos. Numa dessas, fomos pegar um carro e havia uns 10.000 dentro. Fizemos a ação, houve vários tiros. Não atirávamos para matar, pois daria muita complicação e não era nosso objetivo. Queríamos o dinheiro para sobreviver. Essa ação rendeu muito dinheiro, cerca de 300 mil, naquela época era muito dinheiro. Um cara se apavorou com tantos tiros e ainda esqueceu um malote que era grande também. Foram tantos tiros e ninguém foi ferido, nem da parte deles, nem da nossa.

Aconteceram outras ações intermediárias. Requisitamos material de gráfica, tomamos uma rádio e colocamos nosso manifesto. Fizemos muitas outras ações nesse sentido em São Paulo, Santo André, principalmente no ABC. O interessante é que nosso propósito era bom. Nunca usamos esse fato como propaganda política. Ninguém sabia que era a Ala que havia promovido isso, nem a própria esquerda. Depois os outros também passaram a fazer, mas divulgavam manifestos no local que realizavam. Achávamos que essa divulgação não levaria a nada.

PRISÃO

Depois que aconteceram essas expropriações, a vigilância aumentou muito mais. Tínhamos que fazer muita coisa para concretizarmos uma expropriação dessas. Você tinha que expropriar um carro, trocar placa, treinar o pessoal, ter armas. Arriscávamo-nos muito nessas ações, mas fazíamos e nunca caímos em ação nenhuma. A expropriação não foi motivo para prisão. O que aconteceu para sermos presos foi aquilo que chamávamos de pequena burguesia rompendo as normas de segurança. Em São Paulo passou a ser um hábito fazer barreiras

dentro da cidade toda. Tínhamos que nos locomover, mas sempre muito atentos para não cairmos em uma daquelas barreiras. Passei por algumas, parece que minha cara inspirava confiança e não mexiam comigo. Mas em uma dessas eu caí, e acho que foi um pouco de displicência minha. Eu estava levando placas e armas dentro do carro. Entrei em uma dessas barreiras e não tinha jeito de voltar. Em alguns lugares era assim, tentávamos evitar, mas às vezes era inevitável a passagem. Nessa eu estava sozinho, em um carro legal, mas com metralhadoras e placas roubadas. Eu estava passando, apitaram e me mandaram parar. Ali pensei que iria morrer. Eu era um elemento procuradíssimo, meu nome já havia saído no jornal. Parei, saí do carro, me mandaram abrir o capô. Como eu havia escutado o cara dizendo que o comandante estava para outro lado, virei como se fosse falar com esse comandante, peguei os documentos, coloquei no bolso e passei por eles. Quando viram, gritaram perguntando cadê o dono do carro e daquilo ali. Virou uma fuzarca. Nunca vi caminho tão cumprido, mas consegui sair e eles não me pararam. Eu já estava a pé. Meu carro havia ficado lá com as armas e as placas.

Eles estavam procurando pelo dono do carro, mas como aparentemente eu tinha vindo do rumo em que estava o comandante, só vi a confusão e passei tranquilo. Tranquilo assim, até com gosto de sangue na boca. Eu sozinho, em um carro com armas; se pegassem, aquilo era morte. Seria a coisa mais terrível.

Estava caminhando e na hora passou um taxi, entrei e disse para que seguisse. Foi um sufoco. Acho que se tivessem me pegado, na certa eu teria morrido. E iriam me matar na tortura, não iam atirar. Iriam me torturar para que eu dedasse os outros. Eles queriam pegar um peixe grande e a essa altura já saberiam que estavam prendendo o Mateus, o famigerado Mateus, que era meu nome de guerra naquela época.

Usei diversos nomes de guerra para me livrar da ditadura. Era Flávio, Mateus, Pedro, todos nomes bíblicos, mas escolhidos inconscientemente. O nome que mais pegou foi Mateus; e no Rio de Janeiro, Campos, que usei por muito tempo.

Salvei-me desse momento terrível. Fui até a casa do sobrinho do dono do carro, contei o que havia acontecido e falei para que caísse fora dali, que fosse embora. Fui até o lugar onde eu estava morando, organizei tudo, chamei o caminhão da mudança e fui para outro lugar. Fui a todos os outros locais e recomendei que estivessem atentos por causa do acontecido, falei para que saíssem de circulação, para que caíssem fora, deixassem tudo, que não voltassem mais àquele lugar. Eles saíram. Eu saí, mudei, tirei as coisas de onde estava morando, pois eles sabiam onde eu morava. Quem eles sabiam onde morava, eu avisei a todos. Tomei todas as providências necessárias para isso.

O cara que era o mais visado, seu tio era o dono do carro e sabia dele - era ele e o filho de um senador - saiu e depois voltou para ver se a polícia havia ido lá mesmo. Que inocência! Pegaram o cara, pegaram os dois. Bateram, eles não aguentaram e dedaram os outros. Mesmo assim, fui à casa de todos novamente avisar que ele havia ido lá de besta, praticamente se entregar, e havia caído.

Enquanto eu estava indo avisar um cara, chega a OBAN. Eu conhecia o carro deles, eles usavam um Veraneio. Passei de lado na rua, próximo a Veraneio e lá dentro estavam às armas. Pensei que ali nem dava para subir, se passasse alguém que fosse para o rumo da casa desse pessoal, eu já avisaria por ali mesmo. Eu estava correndo risco ali, porque meu nome já estava nos jornais. Tomei as providências cabíveis, mas outro cara também voltou ao local onde morava. Parece que eles não acreditavam. Foi lá e foi ganho. Foi preso e começaram a cair.

Um cara conhece daqui, outro conhece dali, e chegaram a mim. Até então ninguém sabia onde eu morava. Só eu, e o casal que morava também. Fazíamos reuniões lá, mas iam todos em uma Kombi com os olhos vendados, no escuro, só abriam quando já estavam dentro da garagem. Tínhamos toda a segurança, mas me parece que o cara tinha um sétimo sentido. Apanhou muito para dizer onde estava o Mateus. Até que disse que era para tal rumo, próximo a uma praça. Os caras foram.

Já sabíamos que ninguém conhecia o lugar, mas não confiaríamos. Não faríamos como os outros fizeram. Antes, mandamos as mulheres com os meninos para a praia de Santos. Ficamos eu e o cara para tirarmos o material mais importante de lá, as armas, livros, documentos. Estávamos indo e, na esquina, disse para o cara para não demorarmos, pois já tínhamos ultrapassado o limite. Ele iria levar umas malas para a casa de um parente dele, e eu iria para onde estavam as mulheres. Já estava a um quarteirão para cima e o cara me gritou dizendo que deixássemos um sinal, porque o cara do Rio poderia vir ali. Falei que não era momento para que nos preocupássemos com aquilo. Ele continuou dizendo para fazermos um negócio, eu o perguntei o que ele queria fazer, lembrando-o que não podíamos demorar. Enquanto estávamos discutindo sobre aquilo ali, chegaram os veraneios da OBAN. Era polícia e mais polícia. Cercaram a casa por traz e pela frente. Perguntei se ele estava vendo o que havia arrumado.

Eu nessas horas consigo me manter tranquilo, mas ele ficou apavorado. Disse a ele que agora não adiantava e que só tínhamos dois caminhos. Tínhamos uma metralhadora, mas lá fora havia uns cinquenta policiais com armas melhores que a nossa. Pelo fundo não dava para sairmos, nem por cima, para lado nenhum, pois estava tudo cercado. Podíamos abrir fogo e matar uma meia dúzia, mas morreríamos também. Disse a ele que não trocava minha vida por meia dúzia de meganhas daqueles, não.

Em minha opinião o que tínhamos que fazer era deixar eles atirarem. Eles já chegaram atirando, mas estávamos dentro da casa, uma construção forte, com portas de madeira grossas. Eles davam muitos tiros. Enquanto eu estava dizendo para o cara que deixássemos que eles atirassem, que não resistíssemos e não trocássemos tiros com eles, e para que ficássemos quietos, eles deram uma rajada no vitrô e instintivamente o meu companheiro levou a metralhadora e deu um tiro para cima. Aí choveu bala. Disse a ele que agora aguentasse. Ele não sabia o que fazer e ia escondendo a metralhadora em baixo da cama. Falei para que largasse de ser bobo. Mas ele estava apavorado. Disse ainda que já que havia provocado que

parássemos por ali e deixássemos que eles atirassem a vontade. O que poderíamos fazer é que quando parassem de atirar, fizéssemos outra provocação para que atirassem mais.

Estávamos vendo que o povo ia aparecendo, e eles eram covardes, não matavam ninguém na presença de muitas pessoas. Eles faziam a sacanagem e matavam escondido. O que poderia acontecer era morrerem na OBAN, mas aí pelo menos teríamos provas, pois a imprensa também estava lá. Prova de que nos entregamos em vida. Continuava a chegar gente. Os caras atirando em uma casa, que não tinha nenhuma reação lá de dentro, causava curiosidade. Pipocaram toda a casa e em um dado momento vi que havia muita gente, tinha imprensa, tinha fotógrafo, saí na janela e gritei para que parassem, pois iríamos sair. Gritei bem alto me identificando, dizendo que era contra a ditadura. Disseram para que me calasse. Continuei falando e eles falaram para que colocássemos a mão para cima e saíssemos.

Quem tinha que sair na frente era eu. Coloquei as mãos para cima e fui. Ficamos receosos de levar logo um tiro, mas eu sabia que a ditadura brasileira era covarde, ela não fazia esses atos mais nojentos na vista de gente não. Prenderam-nos e nos pegaram pelos fundos, aquela posição mais incomoda em que você fica nas pontas dos pés. Olharam todos os quartos da casa. Revistaram, viram que não tinha ninguém. Pegaram a metralhadora. Prenderam-nos, eu saí gritando, me identificando. Não dava para ver a reação da população, só escutávamos pessoas questionando o que estava acontecendo, perguntando quem éramos, e eu gritava meu nome. Eu dizia que não éramos ladrões, nem terroristas como estavam dizendo, que éramos lutadores contra a ditadura. Os policiais me mandavam calar a boca, dando tapas para lá e para cá e nos jogaram dentro do camburão, onde estavam os dois que nos dedaram. Cheguei e dei um chute na canela de cada um e os xinguei. Eu estava com muita raiva dos caras. Eles disseram que não conseguiram suportar. Disse a eles que tudo tinha começado com eles, que voltaram em casa para saberem se a polícia tinha ido, e aí começou a queda.

Caíram muitos da Ala. Iam presos, não suportavam a tortura e dedavam os outros que eles conheciam.

TORTURAS

Quando cheguei à OBAN foi a maior farra, chamavam todos para verem o famigerado Mateus. Um dos gaiatos deles pegou um fio descascado, ligou na tomada e colocou nas minhas costas, fui parar uns três metros à frente. Isso logo no início.

Sabíamos que eles só queriam saber de ponto e aparelho. Ponto era onde você encontrava os colegas, os camaradas. Você não sabia onde os amigos moravam, então nos encontrávamos em pontos: locais combinados com hora marcada. Aparelho era onde nos escondíamos, onde morávamos.

Falando em ponto e em aparelho, eu até criei uma história. Eu realmente fiz um tratamento de úlcera e disse que se quisessem conversar de fatos de seis meses para trás, poderíamos conversar, mas de seis meses para cá eu não sabia de nada, pois estava afastado fazendo tratamento. Eles disseram para que eu contasse isso para outro, e eu disse que era verdade. Eles realmente haviam pegado minhas chapas do estômago, que diagnosticavam que eu tinha úlcera. Mas isso foi pior, porque aí que eles metiam chutes no estômago.

Lá estavam em equipes. A equipe que me prendeu fez o primeiro interrogatório mais rápido, pois já estava na hora de passar para outra equipe. O cara me chamou em particular e disse que já sabiam que eu era o chefe, dirigente da Ala Vermelha do PCdoB, que eu era o cara mais importante que tinha ali. Disse a ele que não havia nada disso, e que eu estava afastado. Conversa fiada. Eles disseram que muitas pessoas já tinham passado por ali, dirigentes, chefes importantes, que eles não haviam tocado neles, mas que eles haviam colaborado e por isso não havia acontecido nada. Eles citaram os nomes, mas eu prefiro não falar porque acho que pode ter sido mentira deles. Mas pode ser que um ou outro tenha colaborado mesmo. Falei a ele que o que eu tivesse para falar, falaria na presença de todos, não precisaria ser em particular. Perguntei o que ele gostaria que eu falasse. Ele disse que queria que eu contasse sobre os pontos e os aparelhos. Falei que não sabia. Ele escreveu o seguinte para passar para a outra equipe: “Seu Mateus declara que não fala e que quer ver o machão que fará falar”. A outra era a equipe C, do capitão Albernaz, o pior torturador que eu conheci. Os dois maiores torturadores eram o capitão Albernaz e capitão Lisboa, mas quem se ocupou de mim foi o capitão Albernaz.

A técnica dele também era essa, ponto e aparelho. Primeiramente eles colocam na cadeira do dragão, que é uma cadeira forrada de metal, com zinco no encosto e no assento. É uma cadeira consistente, de braços bastante fortes. Ficávamos com os braços amarrados, eu e o cara que foi preso comigo, que depois veio a trair; estávamos pelados, e ele estava sentado no meu colo, fomos torturados com choque elétrico. Davam o choque em mim, consequentemente passava para ele também, mas nós aguentamos. Já havíamos discutido que se gritássemos muito, você desfalecia, mas no choque elétrico não há desfalecimento. Isso era teoria furada. Você pode estar até em coma, que com o choque elétrico você reage. Choque elétrico é a pior tortura que existe. Eu estava amarrado, com o cara no meu colo, sendo torturado. As torturas deles eram nos menores locais, no dedinho, na orelha, mas enquanto estávamos em dois, era choque no meu dedo e no dedo dele.

Éramos tirados da cadeira e íamos para uma sessão de mangueira de ar comprimido. Aquelas mangueiras grossas que tem apenas um furinho, as pegavam e batiam nas costas. Para mim aquilo era fresco, eu chegava a achar bom, o pior era o choque na cadeira do dragão. Eu gritava muito porque na teoria achávamos que se gritássemos muito desfalecíamos. O cara disse que eu não podia gritar ali, porque o comandante era contra aquilo e chamaria a atenção deles. Eu continuava gritando, e ele pegou um pano cheio de fezes e urina e colocou na minha cara. Aquilo pra mim foi a pior tortura. Ele ficava segurando aquele pano contra meu rosto e eu disse a ele que podia tirar que eu não iria mais gritar. Não gritei mais. O cara torturava, e eu ficava teso sem falar nada. Aguentei a tortura quieto. Dali, falaram que eu ia para o pau-de-

arara, que consiste em ficar dependurado entre dois cavaletes, com braços e pernas amarrados, com as pernas dobradas, com uma barra de ferro por debaixo das pernas, que era o que mantinha você suspenso entre os dois cavaletes. No começo não era nada, mas como o passar do tempo o corpo começava a doer. As juntas todas iam doendo. E se fosse só ficar dependurado, mas eles ainda vinham com o choque. Choque na língua, choque na orelha, choque no pênis, os lugares preferidos deles. Não sei bem por quanto tempo fiquei no pau-de-arara, só sei que saí de lá na posição de frango, do jeito que me tiraram de lá eu fiquei, não conseguia mover nada.

Tinha um cara que era da Polícia Federal, um negro forte, ia fazendo massagem em mim para que eu conseguisse me espichar, para que minha circulação voltasse. O negro parecia que não tinha juntas. Essa era a tortura do pau-de-arara, que é a pior porque você fica com dor no corpo todo, nas articulações, nas costas, é um negócio terrível. Ninguém aguenta por muito tempo. Não sei bem o tempo que fiquei, porque com tanta dor, você perde a noção. Com dor, levando choque e você naquela situação. Foi a tortura que achei pior. A tortura e os choques na cadeira do dragão eu suportava bem, bem vírgula, mas dava para suportar. Saindo do pau-de-arara, o colocavam na cadeira do dragão novamente. Jogavam água com sal na estrutura da cadeira, que era de metal, e colocavam os fios. Os pontos preferidos deles para comigo foram as orelhas e o pênis. Quase estouraram meu “peru”.

As torturas aconteceram por quase duas semanas direto. Não sei exatamente quantos dias. Eu desmaiei, perdi a noção. Só me lembro de que meu braço, que era um lugar que eu tomava muito choque, virou um arco-íris de cores. Meu braço estava maior que a minha perna, inchado. Um negócio horroroso. Eu estava todo deformado. Tive uma paralisia renal porque chutaram muito na região das costas, e acho que o choque também ajudou. Os choques não eram de corrente, eles tinham magnetos; cheguei a levar choque de 400 volts. Eles usavam duas maquininhas, uma vez chegaram a usar três. Você estava amarrado, era terrível. Às vezes iam fazendo devagar, a situação era mesmo torturante. Eles falavam que estavam cansados de rodar aquilo, e a minha vontade era falar: “Então para!” Aí praticamente já nem faziam mais perguntas. Perguntavam cadê as pessoas, e eu já não dava mais conversa para eles.

Havia um negócio que colocavam duas latinhas; fizeram isso com Paulo Vanuque, que é ministro hoje. O colocavam em cima de duas latinhas de creme de leite, descalço, segurando um papel. Falaram que seria minha vez. Eu disse a eles que eu não ia me torturar. Eu dizia que eu não iria me torturar, se eles quisessem me torturar tudo bem, mas eu não iria fazer nada daquilo. Eu não fazia nada que eles me mandavam. Os outros faziam talvez para se aliviarem das torturas, porque ali seria uma tortura menor. Mandavam um sujeito dar choque no outro, companheiro no próprio companheiro. Eu disse a eles que nunca me veriam dando choque em ninguém.

Você ganha uma moral, o problema é esse. É uma coisa engraçada, eles passam a lhe respeitar. Comigo não fizeram sacanagem como enfiar objetos no ânus. Eu cheguei a os ver colocando cabos no ânus de companheiros meus. Comigo não fizeram nada de degradante

nesse sentido. Era choque, era pau-de-arara, era paulada que pra mim era refresco àquelas alturas.

Fui levando tanto choque que acabei entrando em coma. Eu estava deitado, não sei se isso é devaneio meu, mas eu vi um cara com uma fantasia de árabe falando que eu iria dormir, como se estivesse me hipnotizando, e eu virava o rosto. Não sei se isso é verdade, se aconteceu realmente. Só sei que Fleury foi lá, e parece que ele já tinha usado isso com alguém. Na verdade não sei se isso aconteceu realmente, ou se já era um delírio.

Eu tinha ido a um local em que companheiros mataram um policial. Fui dar cobertura para eles, e acharam que eu também tinha ajudado a matar. Mas eles sabiam que eu não tinha, cheguei a falar que não tinha participado. Fleury falou que quando eu fosse para o DOPS eles colocariam aquele fato em pratos limpos, disse que eu contaria sobre isso. Eu tinha um receio danado.

Entrei em coma. Lembro-me de ter chegado um cara, que para mim é da Aeronáutica, me olhou e perguntou aos outros o que eu estava fazendo ali, o que havia acontecido comigo e o que estavam me dando. O suposto farmacêutico mostrou os remédios que estavam administrando, e o cara perguntou a eles se eram malucos e disse que daquele jeito iriam me matar. Falou que teriam que me mandar imediatamente para o hospital. O cara era major médico. Falou ainda que minha situação era supercrítica e que me levassem para o Hospital Militar. Só me lembro da hora que me levantaram do colchão, dali em diante não me lembro de mais nada. Quando vi, já estava na porta do Hospital Militar em São Paulo. O cara estava passando mercúrio no meu corpo todo. Já tinha voltado a mim e o escutei falando que não tinha condições de permanecer ali, que me levassem para o Hospital das Clínicas. Só me lembro dessa fala, desmaiei e não me lembro de mais nada. Eu só acordava nos momentos críticos, bom para mim, né?! Quando acordei estava no Pronto Socorro, que acredito ser do Hospital das Clínicas. Vi aquele monte de gente de branco, eram os residentes e os médicos. O cara da OBAN que me levou até lá, falou para os médicos que tinha me achado e achava que eu havia sofrido um desastre de carro e que havia me queimado. Meu corpo parecia que estava queimado, deformado. Acordei, me internaram com um nome qualquer e eu falei que meu nome não era aquele e que aquilo era consequência de tortura. Falei que aquilo era tortura, e que eu vinha da OBAN. Fiz um discurso e desmaiei de novo.

Acordo no outro dia, no sexto andar, já na cama tomando soro. Uma enfermeira, anjo da guarda japonesa, era superdelicada e me atendeu muito bem. Fiquei lá por uns vinte dias me recuperando, fazendo tratamentos de paralisia renal, de infecções, de tudo. Tive um tratamento excelente. Para quem vinha da OBAN, cair em um negócio daquele: roupas e lençóis limpos, comida boa, embora eu ainda não comesse. Fiquei lá me recuperando dos traumas físicos, da paralisia renal, dos machucados que tinha pelo corpo. Fiquei de quinze a vinte dias lá.

O Soldado ficava na porta do quarto. O Hospital das Clínicas era dirigido por militares. Na porta do meu apartamento ficava um soldado direto. Eu descia para poder fazer diálise, e o soldado acompanhava. Quando disse que eu tinha vindo da OBAN e que aquilo era resultado

de tortura, um padre apareceu no outro dia. Ele me ouviu falando aquilo, foi até o meu quarto e me perguntou se eu estava mesmo vindo da OBAN, e se aquilo era mesmo resultado de tortura. Disse a ele que sim, que era tortura. Ele me perguntou se eu queria que ele avisasse alguém. Dei um nome para ele. Nessas horas nem achei que fosse perigoso, mas ele realmente avisou, e meu irmão conseguiu ir até a OBAN me visitar.

Nesse episódio fiz uma denúncia, o hospital todo ficou sabendo que lá havia um torturado em recuperação. Depois me mandaram para o Hospital Militar, eu já estava mais ou menos. Eu me esqueço do nome do médico que fez um relatório dizendo que eu não podia mais ser encostado, não podia mais apanhar e não podia mais sofrer torturas e que a responsabilidade seria de quem o fizesse. Um cara corajoso, escreveu em termos médicos. Fui para o Hospital Militar, fiquei mais uns 15, 20 dias. Fui terminar o tratamento, terminar minha recuperação. Fiquei mais outro companheiro, que era de outra organização, da ALN, não me lembro. Um cara muito legal. Ficamos lá e já estávamos nos recuperando. Já estava andando bem, comendo, mas ainda muito magro. Disseram então que podíamos ir embora. Chamaram a OBAN e os caras vieram dizendo que iríamos para o hospital deles, e que era melhor que ali.

Chegando lá, aconteceu a tortura que mais me doeu. Os caras ainda torturam. Eu estava um trapo de tão magro, com o relatório do médico, e um cara com apelido de Jesus Cristo queimou minhas coxas, essa marca ficou por muito tempo aqui, escrevendo JC. Disse que iríamos lembrar algumas coisas, que eu ainda não havia falado tudo, que, aliás, eu não tinha falado era nada. Falou que eu era um durão, um machão, me deu choque e eu gritei. Mandou que me levassem, dizendo que eu era durão e machão, para a cela zero, que era o isolamento.

Era uma cela escura, não se via anda. Você ficava agachado em cima da privada. Era tudo fechado, sem ver ninguém, sem nada. Às vezes nem levavam a comida, e quando levavam você devolvia, não dava para comer. Não sei por quantos dias fiquei lá, você perde a noção. Eles falavam que como eu não poderia mais ser torturado, que eu ficaria ali, isolado, sozinho, e que cuidariam bem de mim; estavam fazendo gozação. Não sei por quanto tempo fiquei lá e também não me torturaram mais. Torturaram apenas daquela vez, e não torturaram mais.

Eles tiveram respeito comigo, mas não adiantou, não conseguiram tirar nada de mim. Isso nos fortalece. Eles podiam me matar na tortura, que eu não denunciaria ninguém. Disso eu tinha consciência plena, porque o que eu já tinha aguentado... Eles passam a ter respeito por você. As sacanagens que faziam com todo mundo, fazer ficar ajoelhado em cima de grãos de milho, segurando papelzinho, isso não tentaram comigo. Fizeram isso com Paulo de Tarso, que era um menino. Ele aguentou firme, mas quando estava muito difícil falava que tinha o ponto de um fulano, que era mentira, apenas para sair. Eles iam e não achavam nada, ele inventava alguma coisa. Era uma forma de ganhar tempo e se livrar daquelas torturas doidas. Ele foi um cara muito firme, apesar de se autotorturar naquelas coisas, mas era muito mais simples que ficar levando choque direto, que era terrível.

O que eu quero dizer é que cada um tem sua maneira e seu comportamento. Firmei-me nisso e acho até que foi minha salvação. Se eu entregasse um cara, eles diriam que eu era dirigente, sabia de tudo e que iria entregar mais. Eu iria sofrer muito mais porque eles não acreditariam

que eu sabia só aquilo. Eles falavam que eu era dirigente e conhecia a organização inteira. Eu dizia que eles estavam errados, que ninguém conhecia uma organização inteira, ninguém sabia onde as pessoas moravam, ninguém sabia daquilo porque tínhamos normas de segurança. Mas nada adiantava, passei a não discutir com eles. Tiraram-me da cela isolada, não sei por quanto tempo fiquei lá.

Fiquei por quatro meses na OBAN. Fui preso no dia 20 de janeiro de 1971. Lá era para prender gente, de lá mandavam a pessoa para o DOPS. Quando Fleury esteve lá, me disse que como eu não queria falar ali, falaria no DOPS. Eles ameaçavam.

Quando voltei das clínicas e da tortura, me chamaram de bobo e disseram que tudo o que eu não queria dizer, os caras já tinham dito. E realmente foi tudo. Pegaram muita gente e desceram o pau. Saí de lá e fui para o DOPS. Fui para o DOPS com muito receio, porque Fleury, um famoso torturador, também usava muito o método do pau-de-arara, afogamentos. Os caras mandaram meu relatório para o DOPS. Todos que saíam da OBAN tinham um relatório dizendo o que ele havia falado, e eu não fiz relatório nenhum. Não tem nada que eu tenha escrito na OBAN.

No DOPS, eles fazem o chamado cartório, que vai para o juiz. Lá, para minha surpresa, não aconteceu nada comigo. Fleury apareceu por lá dizendo que agora eu estava ali, que o que eu não havia falado lá, falaria ali porque ali era diferente. Fizeram muitas ameaças. Eu não estava nem aí. Fizeram o cartório, que era o documento oficial que a OBAN não podia fazer. A OBAN mandava para o DOPS o que você havia feito, o que havia aprontado, e o DOPS fazia o cartório. Do jeito que vinha da OBAN eles transcreviam. Eu nem sei o que o DOPS mandou para a auditoria, praticamente não falaram nada. Fiquei por uns dez dias. Foi o tempo de fazerem o cartório. Não sei exatamente o tempo, porque ficava isolado.

Fui para o Tiradentes, onde estavam os companheiros que haviam sido presos. Estavam Genésio, Alípio, muitos que tinham chegado primeiro. Fiquei por mais tempo que todos na OBAN, fiquei por quatro, cinco meses, também para me recuperar. Visivelmente quem me olhasse, sabia que eu havia sido torturado. Como o juiz poderia logo chamar, eles tratavam da sua recuperação. Acho que era por isso, pois não me perguntavam mais nada; só as ameaças do Fleury, mas como eu já havia aguentado muita coisa, não seria grande novidade aquilo lá.

Eles faziam o cartório, você assinava. Se falasse que queria ler, eles diziam que aquilo tinha vindo da OBAN, que tratasse logo de assinar. Se insistisse, diziam que ali ninguém lia nada daquilo. Eu assinei, não tinha o que fazer. Nem sei o que era, mas na verdade não teve nada.

Fui para Tiradentes, onde tinham muitos presos políticos. Não passou muito tempo, me tiraram do Tiradentes. Tiraram aqueles que eles consideravam mais perigosos e mandaram para a Casa de Detenção Carandiru. Fui um dos que foram para lá. Fui para o Carandiru. Lá era algo horripilante: os dirigentes mal encarados, provocando. Tínhamos uma ala inteira de presos políticos. Eles não nos misturavam com presos comuns. Estávamos no sexto pavilhão, eram pavilhões de nove andares. Não lembro se no terceiro ou quarto andar. De um lado era enfermaria, do outro lado estávamos nós, presos políticos. Ficamos um tempo tranquilo por lá.

Jogávamos bola, descíamos para o banho de sol. Estávamos presos esperando julgamento. Estávamos na Casa de Detenção, ainda não tínhamos sido julgados. O endurecimento do regime primeiramente refletia em nós. Era uma arbitrariedade dentro do regime deles, que sem julgamento nos mandaram para a penitenciária, lugar onde se cumpria pena.

A penitenciária era um lugar de outro mundo. Daquelas que você vê nos filmes, portas e mais portas naqueles corredores imensos. Celas grandes, individuais, que só tinham um pequeno buraco na porta, mas havia uma janela para o pátio. Nos comunicávamos da seguinte maneira: Eu estava em uma cela, colocava um espelho e nos comunicávamos pela língua dos surdos e mudos, fazendo sinais. Conversei muito com Genésio, que ficou na cela ao lado. Uma vez por semana, nós presos políticos, descíamos para tomar o banho de sol.

Quando estávamos no Tiradentes, fomos levados para a auditoria e fizemos depoimentos. Denunciávamos as torturas, mas o cara não escrevia. Em uma ou outra ele escreveu. Não sei se era de algum cara que ele queria salvar. Eles diziam que aquilo era fantasia nossa, e que falássemos de coisas sérias, do que havíamos feito, que éramos assaltantes, terroristas. Tinha um juiz togado que era civil, da 2ª Auditoria Militar de São Paulo, Nelson Machado, que era malvado, e quatro militares.

Aqui em Goiás tive um processo, que foi pra Juiz de Fora; inclusive Marcantônio também está nele. Teve um que fui condenado a quatro anos de prisão, e esse não prescreveu. Quando fui julgado em São Paulo, ele veio relatado também, dizendo que eu era um elemento de alta periculosidade, esses macetes deles. Não sei direito, pois para mim isso era pequeno em vista do que ia ser julgado. Eles na tinham prova de nada e colocaram um artigo genérico. Tentar impor uma ditadura de classe de pessoas era algo totalmente genérico, a pena era grande para isso. Se falassem que era apenas militante a pena era pequena. Fui condenado há 18 anos, mais cinco que eu já havia sido condenado. Minha pena total era de 23 anos. O processo foi para o Supremo, e o Supremo derrubou essa condenação nesse artigo. Condenaram-me como se eu tivesse feito assaltos, o que eles também não tinham provas. Na verdade só podiam me condenar por militar em organização clandestina, porque isso eu confessei. Conteí que pertencia e que havia militado no PC do B.

A LUTA CONTINUA

Em 1976, vim para cá em livramento condicional sem poder sair daqui e teria que arrumar ocupação dentro de 30 dias. Ia todo mês a Brasília, me apresentar na Auditoria Militar. No primeiro mês fui e falei que não poderia comprovar que estava trabalhando, pois não tinha emprego, que se eles me arrumassem um emprego tudo bem. O cara me respondeu dizendo que aquilo era apenas prache.

Meu irmão Wilson era um dos gerentes da Delta Larousse, e como eu não achava emprego aqui, me chamou para que fosse trabalhar com ele. Falei que a única coisa que eu tentaria

fazer era ser vendedor. Eu não tinha jeito para isso. Ele disse que eu tinha cultura, o que de nada adiantava, porque você renegava aquilo. Montei uma equipe que trabalhava comigo viajando por aí. Genésio, inclusive, fez parte disso. Em menos de um ano falei que não queria mais aquilo, não aguentava. Deixei isso e fui para o Rio de Janeiro.

Particpei da fundação do PT no Rio de Janeiro. Fui eleito por duas vezes secretário Geral, em eleição disputada voto a voto. Eu era militante e ganhava um salário mínimo para exercer a função. Tínhamos um deputado, José Eudes, que me pagava um salário mínimo para ser seu assessor, mas na verdade era para organizar o partido. Fiquei lá por um tempo, eu gostava da coisa. Era uma discussão, uma efervescência política muito grande. Algumas coisas eram até intolerantes, tinham colegas da Convergência Socialistas, que era de um sectarismo danado, os trotskistas, mas levávamos.

Eu gostava daquilo, estava bem. Fui para lá contra as orientações dos militares. Estava clandestino, mas no Rio de Janeiro fiquei muito mais conhecido do que aqui em Goiânia. Lá não sabiam meu nome, todos me conheciam por Souza. Eu tenho Souza no nome; decidi não usar nome de guerra, usar um dos meus sobrenomes.

Levamos o Lula para um comício em Duque de Caxias, foi um grande comício. Aprontamos bastante. Fundei um jornal juntamente com outros companheiros, chamado Jornal da Baixada. Esse Caruso que está aí era ilustrador no nosso jornal. Esse jornal teve uma função importante.

Lá conheci a Vera, que era funcionária do Banco do Brasil em Duque de Caxias. Fui morar em Duque de Caxias para fazer política na Baixada Fluminense e lá conheci a Vera. A Vera era do MEP – Movimento de Emancipação do Proletariado. Ela era uma ativista, subia naqueles morros e favelas do Rio de Janeiro, da Baixada Fluminense.

Fizemos um movimento muito bom.

E a vida continua por aí.